

APRESENTAÇÃO

PRESENTACIÓN

A produção deste número da RBBA implicou em um grande desafio enfrentado por nós. Como sempre praticamos e pela *sui generis* experiência de que trata levar a cabo uma revista binacional e interdisciplinar, constituímos mais um comitê editorial que se responsabilizou por organizar este número. Em profícua reunião na agradável Santa Fe, Argentina, no final do ano passado, acordamos debater um tema que, apesar de não ser novo, é ainda candente no âmbito acadêmico: a relação entre Ciência e Arte.

Tratando-se de um ponto de honra de um periódico que se pretende inter e multidisciplinar debater essa intrigante relação que, apesar dos fortes nexos presentes, eles nem sempre estão visíveis. A arte não é apenas um veículo condutor do conhecimento científico, mas, em muitos momentos é a própria expressão científica. Por outro lado, a expressão científica tem na estética, quase sempre, sua demonstração, sua revelação. A nosso entender, um fato objetivo se mostra na relação entre ciência e arte: um não se encontra dissociado do outro, quer seja nas expressões imagéticas, nos rabiscos, nos rascunhos, na sensibilidade dos sujeitos envolvidos no processo científico e nas artes, quer na expressão social que envolve os dois saberes e suas práticas. Construções sociais, ambas variam nas diversas formas e enfoques de exteriorização, com objetos e percepções distintas, mas se encontram na busca estética de sua representação que tanto o artista quanto o cientista almejam. Assim como a ciência interfere no mundo natural, construindo/reconstruindo sua percepção da paisagem, ciência e arte se encontram na produção de obras de arte que tematizam os problemas ecológicos, a manipulação da natureza, a biogenética.

Na contemporaneidade, destaca-se, por um lado, a influência das ciências e da tecnologia na cultura, evocando mudanças epistemológicas no tratamento da natureza pelas artes, que se apoiam nos conhecimentos científicos racionais para a produção de suas obras. Por outro lado, a ciência também sempre se serviu da arte para representar seus objetos, suas fórmulas, sua expressão, enfim. Exemplo disso são os estudos científicos de algumas das

expressões da ciência, como Leonardo da Vinci, de quem tomamos emprestado a imagem da capa deste número.

A modernidade é o *locus* e tempo no qual a arte começa a se afastar dos temas religiosos aos quais tanto tempo esteve umbilicalmente ligada no medievo, principalmente. Influenciado pela razão moderna o artista procura se aproximar cada vez mais de sua representação do mundo real, mesmo que, em alguns casos, conteúdos simbólicos e espirituais persistam. Quem pode negar o papel imprescindível das ilustrações artísticas realizadas por biólogos e naturalistas no processo de documentação de paisagens geográficas, fauna e flora, como dos próprios seres humanos com objetivos científicos – e não precipuamente artísticos –, sendo, a um só tempo, os dois. Nesse processo, o papel da tecnologia, como por exemplo o uso da imprensa, da máquina fotográfica foi/é imprescindível.

São essencialmente distintos ciência (conhecimento) e arte (expressão): a primeira desenvolve-se em seus procedimentos, seus métodos, teorias, abstrações racionalizadas, enquanto a segunda volta-se para as expressões específicas de seu campo, envolvendo mais subjetividades que objetividades, tendo como principal interesse a forma, a estética, cores, construções textuais, etc. Nesse processo, se a natureza é um campo de experimentação artística (desde os tempos das cavernas), esta mesma, em seu processo de criação se apropria de conhecimentos científicos para poder expressar sentimentos e emoções, num processo criativo e lúdico, incorporando concepções e modelos procedentes das mais diversas ciências. Hoje, como ontem, a interrelação entre esses dois campos é cada dia mais indissociável, oscilante entre a documentação científica e a expressão artística. Dois caminhos que sempre se encontram.

Nessa empolgante tarefa que é expor esta temática, dez textos constituem o dossiê “Ciência e Arte – dois campos, um mesmo caminho” estiveram envolvidos os professores doutores Héctor Odetti e Luciano Alonso (ambos da Universidad Nacional del Litoral, Argentina), e a professora doutora Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Discutindo “*Arte e memória: da criação artística à formação dos sentidos estéticos*”, a professora **Isis Conrado Haun**, parte da psicologia histórico-cultural, que trata o homem como uma construção social (produto de seus próprios atos) que se desenvolve

historicamente, para focar a memória, definida como função psíquica (entre outras como sensação, percepção, emoção, criatividade, imaginação, linguagem, pensamento), constituída num sistema interfuncional no interior do qual uma depende da outra, analisa a forma com a qual se relaciona com as demais possibilitando o processo de criatividade. Em outras palavras, discute a arte enquanto expressão da memória situada no contexto da prática social e a formação dos sentidos estéticos no desenvolvimento pessoal, buscando entender a relação entre arte e memória, concebendo a primeira como resultado das experiências humanas, da criatividade e da imaginação, e o processo de produção artística como apropriação da realidade concreta: arte como reflexo de uma parcela do mundo humano imortalizando memórias.

Na continuidade, um segundo artigo do dossiê traz uma análise a partir da História da filosofia ocidental na perspectiva da própria História da humanidade, questionando a concepção de gênio como preceptor daquelas consideradas como as mais belas obras já produzidas. Em “*Ensaio sobre a contraposição marxiana à teoria do gênio*”, **Alexandre de Jesus Santos** e **Jasson da Silva Martins** exercitam-se na busca por extrair das ponderações dispersas em diversas obras engelsmarxianas relacionadas à problemática – muito embora o enfoque recaia, quase que exclusivamente, sobre *A ideologia alemã* –, uma “teoria estética”, entendendo que é principalmente com Hegel e Marx e Engels que a produção artística ganha uma dimensão eminentemente histórica. Para chegarem a esta constatação, os autores ressaltam o tratamento do problema nas filosofias de Kant e Hegel para, em seguida, estabelecer a contraposição à teoria do gênio, marcado pela ruptura representada pelo olhar de dois grandes pensadores do século XIX sobre o tema: Marx e Engels, que ressaltam as condições sociais permissoras do surgimento e desenvolvimento dos sujeitos responsáveis pela produção artística e do papel da arte no interior do sistema de relações estabelecidas.

Problemática também atual e merecedora de justa revisita é a que envolve o caráter da cultura no processo da Revolução Russa, feita por **Cláudio Felix dos Santos** em “*Cultura proletária ou cultura universal? Sobre perspectivas culturais e educacionais nos primeiros anos da Revolução Russa (1917 – 1924)*”. À luz da maior experiência proletária do século XX, que no ano que se passou completou 100 anos de sua deflagração, marco indelével na luta de classes que brindou a humanidade com ricas elaborações e experiência em várias dimensões, o autor do texto traz à tona as divergências entre dirigentes revolucionários russos acerca dos rumos da cultura no embate político de transição ao socialismo. Desvela o texto o

debate ocorrido entre os anos 1908 e 1924 e que colocou, de um lado bolcheviques como Vladimir Lenin e Leon Trotski, que defendiam a necessidade da máxima apropriação da cultura universal na transição revolucionária ao socialismo; e, de outro, o movimento Proletkult (Cultura Proletária), que advogava a necessidade da construção de uma cultura produzida por meio dos saberes e experiências dos explorados no processo revolucionário russo. Um debate acalorado que deixou elementos e experiências que auxiliam as discussões neste campo das lutas da classe trabalhadora no século XXI.

Três artigos trazem enfoque no campo da História, mais detidamente da História da América, destacando a relação entre arte e ciência. Em texto historiográfico escrito por **Camila Nunes Duarte Silveira, Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro e Maria Cleidiana Oliveira de Almeida**, ao qual intitularam “*Os colégios jesuíticos europeus e suas influências no teatro popular de José de Anchieta: a arte de convencer*”, as autoras ressaltam as diferentes estratégias educativas por parte dos padres jesuítas cujo objetivo era formar o “homem civilizado” num período em que tal padrão implicava a propagação da fé católica. Transmitir os valores cristãos e apresentar uma “nova forma de vida” aos povos colonizados era o que intentava a Igreja Católica, através do ensino das letras, os cânticos e os catecismos. Foi nesse sentido, nos dão conta as autoras, que os jesuítas promoveram, nos aldeamentos e escolas, a educação moral por meio de representações teatrais, tendo essas últimas ganhado um especial espaço no projeto colonialista, por meio das quais as cenas sacras eram apresentadas ao mundo real dos nativos e colonos. O teatro, nesse projeto de dominação cultural, era uma forma eficiente de agrupamento de elementos religiosos ao cotidiano ameríndio, usado à exaustão pelos colonizadores.

O segundo artigo no campo da História a destacar a relação arte e ciência é o de autoria de **María Teresa Serralunga**, que analisa, em “*El rescate de Cándido López: la Guerra del Paraguay en el arte contemporáneo*”, o processo de ressignificação sofrido pelo trabalho de Cándido López, pintor da Guerra da Tríplice Aliança, por artistas do final do século XX. Este artista plástico, considerado um documentarista da Guerra contra o Paraguai, da qual participou como soldado, tem suas obras que retratam esse acontecimento vistas sob duas óticas distintas: como paisagem povoada de pessoas em movimento e como soma de pequenas cenas detalhadas nas quais são ressaltadas as vivências e as circunstâncias da vida e a morte na guerra como acontecimentos individuais. A autora deste artigo vê na pesquisa

sobre a exposição nominada *Cándido López. Uma evocação do criador da abstração geopolítica*, a revelação de uma nova forma de relação entre a arte e a história argentina, à qual atribui um indireto revisionismo histórico que também se espraia para a própria história da arte, que busca reivindicar Cándido López como artista original e sua obra como documento e expressão artística.

Ainda na perspectiva histórica, **Luciano Alonso**, em artigo intitulado “*Teatro em transição. dramaturgia, política e relações sociais em Santa Fe (Argentina), entre a última ditadura e a transição democrática*”, enfoca o desenvolvimento do “teatro independente” santafesino no contexto da ditadura argentina dos anos 1970 até a transição democrática, apresentando uma caracterização geral do espaço teatral e a postulação de uma “comunidade” formada em torno de determinadas relações sociais. Ressalta a coexistência de atitudes de integração e resistência micropolítica e de expressão de subjetividade dissidente, postulando que tais relações em termos de transição política foram de caráter geracional e estética na construção de uma nova dramaturgia, num contexto contemporâneo marcado pelo predomínio de uma interpretação baseada na noção de “apagão cultural” provocado pela repressão e censura, prevalecendo, a consideração de uma certa “resistência cultural”.

Ainda no contexto argentino, mas na perspectiva de análises preocupadas com questões políticas, culturais e sociais, a professora de artes visuais, **Carolina Anabel Bravi**, em artigo intitulado “*Desde el margen. identidad social de grupos minoritarios e intervenciones visuales en el espacio público*”, analisa dois tipos de intervenção visual (grafite e cartazes) elaborados por grupos de pessoas afetadas pelas inundações de 2003 e 2007, na cidade de Santa Fé, com o fito de refletir sobre o papel das imagens na construção da identidade social destes grupos minoritários. Para tanto, apresenta o espaço público como *locus* de diferentes manifestações simbólicas – e concretas – de setores sociais, reconhecendo no grafite uma prática contestatária que canaliza e enaltece a voz dos setores subalternos. No contexto das inundações na cidade de Santa Fé, analisa as produções desde a perspectiva dos Estudos Visuais, incorporando as contribuições da Psicologia Social na reflexão sobre as relações intergrupos e os processos de construção da identidade de grupo, destacando como estas mensagens estético-político colaboraram no desenvolvimento desses processos identitários.

Em artigo que objetiva comunicar os resultados obtidos de um estudo de caso sobre estratégias criativas de educação musical da Educação Inicial da cidade de Santa Fe

(Argentina), entre 2016-2017, intitulado “*Creatividad en las prácticas docentes del nivel inicial. Un estudio desde la educación musical*”, **Zilli Lía Rosa**, aponta as estratégias criativas de ensino musical consideradas como expressão da importância de pensar, estudar, projetar e avaliar as práticas pedagógico-musicais referenciadas num determinado modelo educacional como reveladora de experiências criativas de aprendizagem. Para a autora, trata-se de propor, a partir de um modo particular, o desenvolvimento de estratégias criativas de ensino, de experiências sensoriais como abordagem da experiência estética, da investigação e construção sonora como reflexão e avaliação sobre a ação.

Buscando resgatar a intensa participação do intelectual Camillo de Jesus Lima (1912 - 1975) no panorama literário brasileiro do século XX, voz que reverbera atual nos nossos dias, por meio de sua obra, principalmente, no concernente à relação história e literatura, o artigo escrito a quatro mãos, “História anunciada: crônicas de Camillo de Jesus Lima, um intelectual “de esquerda””, de **Esmeralda Guimarães Meira e José Rubens Mascarenhas de Almeida**, apresenta parte dos resultados de estudo sobre esse escritor de contos, críticas, romances, crônicas e poesias, cuja biografia, como sua produção literária, é marcada pela luta contra a exploração do homem pelo homem, pela defesa da liberdade e pela igualdade social, pela sua militância política. É dessa trajetória camilliana que se nutre este texto, ressaltando o homem histórico presente na obra artística de Camillo de Jesus Lima, demarcado pela sua concepção crítica de mundo. O texto revela a memória histórica e de uma obra silenciada e esquecida, numa perspectiva de análise da relação entre literatura e história, fundada na dialética marxista, tomando como fonte documentos do arquivo pessoal do escritor, em especial, crônicas publicadas no jornal O Combate, nos anos 1944 e 1947. Trata-se de um convite à leitura da crítica que o autor fez da história do seu momento histórico (final da segunda guerra mundial e imediato pós-guerra) sob uma perspectiva socialista ou, como dito por ele, “de esquerda”.

Fechando o dossiê deste número da RBBA, **Elena Fernández de Carrera e Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro**, em artigo cujo título é “La matemática y su interrelación con el arte y otras disciplinas”, apresentam uma visão da universalidade da matemática e sua relação com expressões artísticas. Destacando a presença da Matemática na cultura dos povos desde a Antiguidade até os dias atuais, as autoras primam por demonstrar a presença da matemática nas manifestações artísticas, dando destaque ao olhar do artista a

partir de sua própria perspectiva. Assim, enfatiza a arquitetura atual (ressaltando arquitetos como Le Corbusier, Oscar Niemeyer, Gaudí e Iannis Xenakis), buscando mostrar a analogia entre a matemática e todas as formas conhecidas de arte, mas também com a ciência, incluindo a medicina.

Acreditando ter o dossiê deste número contribuído para o debate sobre a relação ciência e arte, quatro outros textos apresentam relação com ele, articulando Educação, Filosofia e Ciência. O debate foi aberto e, como de costume, sejam bem-vindos!

No enalço da Educação como tema de análise, os filósofos Vital Ataíde da Silva e **Joelson Alves Onofre**, em “*A educação em Rousseau: liberdade como ponto fulcral*”, ressaltam a importância da educação em Rousseau como instrumento de formação de um novo homem, necessário à construção de uma nova sociedade, a qual se constitui pela formação de um cidadão autônomo e livre. Mas a educação preconizada por Rousseau tem como base a liberdade, sendo este seu ponto fulcral, na qual “negar a liberdade é negar a própria condição de homem”.

Wilson da Silva Santos, em “*Horkheimer: uma crítica ao cientificismo e ao liberalismo deweyano*”, apresenta as principais ideias de Dewey sobre o método científico pragmático e a sua teoria de democracia e sociedade, expondo seus enfrentamentos críticos, tarefa que lhe fez recorrer a Max Horkheimer. Trata-se de uma importante abordagem até mesmo pela atualidade do debate pela influência do pensamento deweyano que chega mesmo ao século XXI, mormente no que se refere ao pragmatismo de seu cientificismo e de seu pensamento político. No texto, o autor apresenta uma confrontação crítica dos conceitos deweyanos à luz das observações sobre ciência e sociedade de Max Horkheimer, autor que inclui a ciência entre as forças humanas produtivas.

O artigo de autoria de **Rita de Cássia Barbosa de Sousa** e **Tânia Rocha Andrade Cunha**, discute questões de gênero ressaltando a importância das Medidas Protetivas de Urgência previstas na Lei Maria da Penha para a segurança de mulheres que denunciam a violência doméstica. O texto é resultado de pesquisa sistemática que envolve a coleta e análise de dados feita na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (DEAM), de Vitória da Conquista-Bahia, que averiguou registros de ocorrências desse tipo de crime, os respectivos inquéritos policiais e solicitações de medidas protetivas. A pesquisa busca compreender e se aproximar da realidade das mulheres submetidas a condições de opressão de gênero e propôs

reflexões acerca das várias formas de enfrentamento deste problema social pelas mulheres, exigindo da sociedade novos olhares para a dimensão da violência doméstica.

Finalizando este número da RBBA, o artigo intitulado “*Propuesta metodologica para el analisis de las actividades en los libros de texto de ciencias naturales*”, de autoria de **Adriana Gómez-Jiménez, Silvia Porro e Manuel Sandoval-Barrantes** propõe uma análise metodológica das atividades encontradas nos livros didáticos de ciências naturais do ensino médio da Costa Rica. Através de uma revisão teórica, realiza metodologia que permite categorizar, classificar e analisar as atividades, utilizando técnicas qualitativas e quantitativas que permitem gerar resultados sobre as atividades promovidas tendo como instrumento livros didáticos.

Tendo diante de nós este número da RBBA realizado, o próximo nos espera, com novo dossiê e novos textos reflexivos, agora sobre o olhar interdisciplinar característico da Revista, com o predomínio, se imagina, da Antropologia, discutindo raça, classe e etnia. Com a feitura deste, percebemos a proximidade existente entre Ciência e Arte, Arte e Ciência, achegamento traçado ao longo da História, com todas as nuances que esta oferece. Aprendemos que pensar esses campos (ciência e arte) em polos distintos e distantes apenas contribui para a fragmentação do conhecimento e da representação do mundo. Por outro lado, interpretar a relação que envolve esses domínios permite compreender, dialeticamente, a intersecção que permeia o processo de construção do conhecimento na História da humanidade.

José Rubens Mascarenhas de Almeida (Editor)